

ENTRE A ÁGUIA E A SEARA NOVA

Samuel Dimas

A harmonia entre espiritualidade, racionalidade e afetividade no movimento cultural da *Renascença Portuguesa* e do seu órgão *A Águia*

A revista *A Águia*, publicada entre 1910 e 1932, foi a partir de 1912 o órgão oficial do movimento cultural *Renascença Portuguesa*, fundado no Porto pouco depois da proclamação da República com a intenção de divulgar os ideais republicanos e democratas e de redescobrir as matrizes espirituais da cultura lusófona. Defendia princípios morais de um humanismo de inspiração judaico-cristã, através de uma crítica firme a todo o ensino, oficial ou particular, que era regido por uma orientação meramente materialista e utilitária.

Esta Associação tinha como projeto realizar a revolução republicana através do pensamento e da educação por meio de uma filosofia metafísica e de uma poesia mística. Do ponto de vista filosófico, podemos dizer que a *Renascença Portuguesa* representa a reunião dos pensamentos teodiceicos e emanatistas de Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes com o pensamento redentor e criacionista de Leonardo Coimbra e com o pensamento poético de Fernando Pessoa na conciliação entre emoção e razão.

Procurou promover o ressurgimento nacional, contribuindo para o aumento da cultura do seu povo, consciencializando-o do seu passado heroico e da sua identidade. Mas esse percurso é feito em diálogo com as correntes culturais europeias da época, publicando com regularidade artigos sobre ciência moderna através de autores como Augusto Martins, Mendes Correia e Leonardo Coimbra, o qual introduz no espaço do grande público o debate epistemológico sobre a teoria da relatividade de Einstein.

A primeira série da revista *A Águia*, sob a direção e propriedade de Álvaro Pinto, constou de dez números distribuídos entre Dezembro de 1910 e Julho de 1911, adotando o sub-título *Revista Ilustrada de Literatura e Crítica*. O simbolismo do seu título (*A Águia*) – nas palavras de Pascoaes –, «[...] sugerido pelo Poemeto, *A Morte da Águia*, de Jaime Cortesão»¹ é interpretado no primeiro número como expressão de vida heroica: «A Águia, sobranceira

¹ Cf. Teixeira de Pascoaes, «Renascença», in *Portucale Revista de Cultura*, Porto, 3.ª série, Vol. I, n.º 1-2, 1951-1952, p. 9.

e ativa, deixa por instantes, os solitários píncaros da montanha. Soltando gritos heroicos de superioridade, alarga as asas no gesto impetuoso do arranque e já devora os ares, com fervor de vida e luta [...] só ama a grandeza dos horizontes claros. E sempre para mais alto voa ela, longe do grasnar ridículo da imbecilidade, bem fora do coaxar impertinente da estupidez»².

Neste propósito de elevação espiritual e humanista são publicados artigos de Teixeira de Pascoaes e Jaime Cortesão sob o tema de justiça social, denunciando a extrema indigência com que vivia a população rural, nomeadamente nos campos do Mondego. A poesia tinha uma função antropagógica, conduzindo os homens à união com o tempo e a eternidade na fusão cósmica do amor fraterno.

No dia 27 de Agosto de 1912, a convite de Jaime Cortesão, reúnem-se em Coimbra para definição dos estatutos, meios de organização e apoios financeiros da nova *Associação Cultural Renascença Portuguesa*, Álvaro Pinto que já dirigira a 1.ª série da revista, Leonardo Coimbra, Augusto Casimiro, Augusto Martins, Teixeira de Pascoaes e Luís Filipe. A segunda reunião de trabalho realiza-se em Lisboa a 17 de Setembro desse mesmo ano e conta com os elementos do grupo da capital onde pontificam nomes como João de Deus Ramos, Raul Proença, António Sérgio, Câmara Reis, Martins Manso, Mário Beirão e Veiga Simões. Nesta reunião é lido o programa manifesto do novo grémio literário, redigido por Pascoaes, confirma-se a data de lançamento do primeiro número da segunda série e entrega-se a direção a Teixeira de Pascoaes, ficando Álvaro Pinto como secretário de redação.

O manifesto de Raul Proença e a génese da *Seara Nova*

O manifesto de Pascoaes, preparado na reunião de Coimbra, intitula-se «A Renascença Lusitana – Ao povo português», caracteriza o espírito lusitano e define os princípios essenciais a partir dos quais deverá ser feito o renascimento espiritual da pátria: a beleza, a justiça e a bondade³. Por seu turno, o manifesto de Raul Proença, fruto da reunião de Lisboa, intitula-se «Ao povo – A Renascença Portuguesa» e centra-se, sobretudo, no tema da falta de adesão da sociedade portuguesa às conquistas modernas. De acordo com estas perspetivas, as ideias que no momento eram progressivas para os outros países, como por exemplo, o amor à Ciência, o positivismo, o

² Cf. Teixeira de Pascoaes, *A Águia*, 1.ª série, n.º 1, Porto, 1 Dezembro 1910, p. 16.

³ Cf. Teixeira de Pascoaes, «A Era Lusíada» in *A Águia*, 2.ª série, n.º 28, Abril de 1914, pp. 97-101.

evolucionismo e o determinismo, deveriam ser os polos dinamizadores de uma renascença política e social.

Esta diferença programática encerra uma tensão que está na origem das cisões futuras, tendo em Raul Proença e em António Sérgio as vozes mais críticas e dissonantes face ao saudosismo de Pascoaes, concretizando este último, essa discordância, na fundação, em 1918, da revista *Pela Grei* que expressa a sua posição racionalista. Contudo, como os dois manifestos só viriam a ser publicados, mais tarde, o artigo «Renascença» com que Pascoaes inicia a segunda série de revistas é considerado por autores, como Alfredo Ribeiro dos Santos, um terceiro e definitivo manifesto.

A correlação entre fé, emoção e razão

Nele, Pascoaes define a orientação da nova revista, fundamentando-a naquilo em que acredita ser o sangue espiritual da nação portuguesa, ou seja, o sentimento-ideia da saudade fundado na correlação entre razão e fé, filosofia e teologia, religião natural e revelação cristã, numa permanente preocupação em superar todo o tipo de dualismos gnosiológicos e ontológicos⁴.

Noção de fusão entre a emoção e a ideia, o sentimento e a inteligência, a intuição e a razão, que viria a ser celebrizada por Fernando Pessoa através da expressão «o que em mim sente s'tá pensando»⁵, atribuída apenas ao homem de génio, o intuitivo que se serve da inteligência para exprimir as suas intuições. Esta preocupação de Pascoaes e Pessoa por um conhecimento do real que supere as suas dicotomias metafísicas fundamentais entre ser e não ser, infinito e finito, Deus e mundo, conduziria a tendências panteístas de identificação total entre Deus e o mundo⁶. Pessoa vai definir a poética da espiritualização da natureza com a noção de «transcendentalismo panteísta»

Fernando Pessoa partilha com os homens da *Renascença* a preocupação espiritualista e nacionalista convencido da importância de criar uma Pátria portuguesa, concordando também com Pascoaes quando este afirma que «[...] uma Pátria é de natureza puramente espiritual e as únicas forças invencíveis são as forças do Espírito»⁷. Por certo, como adverte Pinharanda

⁴ Cf. Teixeira de Pascoaes, *A Águia*, 2.ª série, Porto 1912, n.º 1, p.1.

⁵ Cf. Fernando Pessoa, *Obras de Fernando Pessoa*, vol. I, Porto, Lello e Irmão, 1986, p.188.

⁶ Cf. João Duque, «A Escola Portuense no Cruzamento entre Filosofia e Teologia», in *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos 1850-1950*, Lisboa, INCM, 2002, pp. 273-276.

⁷ Cf. Fernando Pessoa, *A Águia*, 2.ª série, n.º 2, Fevereiro de 1912, pp. 33-34.

Gomes, o que afastou Pessoa do Saudosismo de Pascoaes para se juntar aos modernistas Sá-Carneiro, Armando Côrte-Rodrigues, Almada Negreiros, Alfredo Guimarães, Raul Leal, entre outros, não foi tanto um ideário filosófico, não foi o seu anúncio messiânico do poeta supremo que seria o Supra-Camões – causador de uma certa perplexidade nos poetas do grupo –, mas sim um formalismo estético e ideológico⁸.

Entretanto, em 1917, Teixeira de Pascoaes abandona a direção literária da revista, em 1919 Jaime Cortesão é nomeado diretor da Biblioteca Nacional e deixa de colaborar n'A *Águia*, cuja terceira série, de 1922 a 1927 será dirigida por Leonardo Coimbra em estreita ligação com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto por via da colaboração de autores como Hernâni Cidade, Luís Cardim, Damião Peres, Teixeira Rêgo, Mendes Correia, Ângelo Ribeiro, Newton de Macedo, Aarão de Lacerda, Sant'Anna Dionísio, Agostinho da Silva ou José Marinho, e de acordo com o seguinte ideário anti-positivista e anti-materialista: «[...] Do melhor arado à mais bela e ampla hipótese metafísica, do mais ingénuo cântico de amor à mais rica interpretação religiosa da vida, do trabalho à meditação, do amor à família, da humanidade e de Deus nada lhes será estranho, nada deixará os escritores desta revista sem a ressonância da sua compreensão [...]»⁹. A sua metafísica da saudade já não se identifica com as teses saudosistas e patrióticas de origem panteísta de Teixeira de Pascoaes¹⁰.

As duas últimas séries d'A *Águia* na proximidade da *Presença* e na continuidade da *Princípio*, *Prometeu*, *Acto*, 57 e *Espiral*

A quarta série, constituída por doze números publicados entre Janeiro de 1928 e Dezembro de 1929, teve como Comissão Diretiva Hernâni Cidade, Leonardo Coimbra, José Teixeira Rego e António Carneiro e continuará a rota da série anterior, uma revista mensal de Literatura, Arte, Ciência, Filosofia e Crítica Social, permanecendo assim até 1932. A partir do n.º 7-8 de Janeiro-Março 1929 a direção passa a ser constituída por Leonardo Coimbra, Sant'Anna Dionísio, António Carneiro e Adolfo Casais Monteiro.

⁸ Cf. Pinharanda Gomes, «Escola Portuense: Uma Introdução Histórico-Filosófica», in *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos 1850-1950*, *Op. cit.*, pp.54-55.

⁹ Leonardo Coimbra, «O nosso caminho» in *A Águia*, 3.ª série, n.º 1, Junho 1922, pp. 5-8.

¹⁰ Cf. Álvaro Ribeiro, *Memórias de um Letrado*, vol. I, Lisboa, Guimarães Editores, 1977, p.73.

Como refere José Augusto Seabra, o poeta Teixeira de Pascoas já se retirara para o seu solar amarantino e Jaime Cortesão ia trilhando os caminhos do exílio após o fracasso da revolta republicana de 3 de Fevereiro de 1927 no Porto¹¹.

Finalmente, a quinta série, apenas de três números, publicados entre Janeiro e Junho de 1932, teve como diretores, Leonardo Coimbra e Sant'Anna Dionísio. A partir do n.º 2-3- integram a direção, os nomes de Delfim Santos e Aarão de Lacerda. Nesta altura vão colaborar na revista vários elementos da *Presença*, como José Régio, Branquinho da Fonseca e Gaspar Simões, revelando, uma certa perda de identidade e, conseqüentemente, o fim da publicação.

Esta cessação acontecia pouco tempo depois de instalado o regime salazarista, confirmando a incompatibilidade entre o projeto da «Renascença» e a falta de liberdade intelectual com a agravante de se situar no Porto a sua sede e por isso estar mais sujeita à nova autocracia ditatorial centralista como o comprova a extinção da sua Faculdade de Letras por um decreto de 1928 visando sobretudo o seu fundador Leonardo Coimbra. Entretanto, recorda também Augusto Seabra, alguns renascentistas tentavam ainda relançar o seu legado, como podemos reconhecer, com o surgimento em 1930 da revista *Princípio* dirigida por Álvaro Ribeiro, Adolfo Casais Monteiro e Maia Pinto.

O mesmo Álvaro Ribeiro acompanhado de Pedro Virga criava, dois anos mais tarde o movimento «Renovação Democrática» agrupando vários antigos alunos da Faculdade de Letras do Porto, como Delfim Santos, José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. De uma forma intermitente e desgarrada surgiriam ainda revistas como a *Prometeu* (1947) dirigida por Amorim de Carvalho e nasceriam grupos de reflexão filiados a Álvaro Ribeiro e às suas teses de uma filosofia portuguesa, como por exemplo, *Acto, 57* e a *Espiral*, onde colaboravam António Quadros, Orlando Vitorino, Afonso Botelho, António Braz Teixeira e António Telmo, entre outros, mas só o grupo da *Seara Nova*, à custa de inflexões doutrinárias e colaboração de diversas tendências, iria sobreviver a várias décadas de ditadura.

¹¹ Cf. José Augusto Seabra, «Da Renascença Portuguesa à Nova Renascença: Ponte para o futuro», in, *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portugueses Contemporâneos 1850-1950*, Vol I, Lisboa, INCM e UCP, 2002, p. 29.

Os racionalismos deístas, fideístas, agnósticos e ateístas traduzidos no movimento lisboeta da *Seara Nova*

Este projeto cultural da Renascença Portuguesa e do seu órgão *A Águia - revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica* (1910-1932) dá origem ao movimento divergente do grupo da revista *Seara Nova* (1921-1984) sob a liderança inicial de pensadores como António Sérgio, Raul Proença e Jaime Cortesão e com a participação de muitos outros intelectuais, com destaque para João de Barros, Augusto Casimiro, Hernâni Cidade, Fidelino de Figueiredo, Vieira de Almeida, Abel Salazar, Joaquim de Carvalho, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, Joel Serrão e Mário Sottomayor Cardia.

Este movimento desenvolveu um espírito anti-saudosista, progressista e liberal com objetivos políticos bem definidos de oposição ao regime e de abertura à cultura racionalista europeia de expressão secularista. Em termos metafísicos, é também um movimento plural, mas na sua generalidade recusa a perspetiva teísta da religião cristã, remetendo os assuntos da fé para a ordem da irracionalidade.

Este problema está bem retratado na polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes em que o saudosismo é caracterizado pelo pensador de Lisboa de forma ideológica como «passadismo» num antagonismo entre o homem moderno realista, progressista e prático e o homem idealista, conservador e sonhador. Sabemos que o saudosismo de Pascoaes foi sempre uma síntese de progresso e de regresso, sem nunca aceitar a obsessão iluminista de domínio da natureza em favor do desmesurado desenvolvimento civilizacional, mas sempre defendendo o primado da ruralidade e da terra. É claro que o racionalista António Sérgio fala em nome da ciência, da técnica e da razão lógico-analítica, enquanto Pascoaes se exprime na ordem afetiva da intuição e na ordem metafísica da razão mítica.

Esta dissonância também acontece com Leonardo Coimbra, para quem a reflexão filosófica não tem por finalidade a evidência das ideias claras e distintas, porque isso apenas se dá num plano da relação objetiva com a realidade que não é de ordem metafísica e analógico-mistérica, mas apenas científica e lógico-analítica. António Sérgio tem como pressuposto o poder e rigor da razão científico-matemática como único critério para atingir a verdade da realidade, enquanto Leonardo Coimbra reconhece que na construção das noções metafísicas e das teorias científicas, bem como na experiência estética, moral e religiosa, há algo de inesperado, excedente e trans-racional a solicitar constantemente o sujeito para novas teorias e

ideações, num movimento dinâmico e imponderável. António Sérgio não tem maneira de compreender esta inteligibilidade metafísica da realidade, porque usa um sentido restrito da razão, acabando por equivocadamente acusar Leonardo Coimbra de ser apenas um poeta que escreve prosa e não um filósofo¹². A este respeito, Sant'Anna Dionísio considera que António Sérgio sofre de daltonismo crítico, resultante de uma antipatia recôndita e insolúvel¹³, deixando-se cegar na sua análise de objetividade científica por motivos passionais, característica típica dos imbecis que se limitam a ser transmissores de ideias filosóficas, mas nunca alcançam o grau da sabedoria que nutre os verdadeiros filósofos.

Ao contrário do agnosticismo racionalista de António Sérgio que apresenta o humanismo como alternativa às religiões reveladas, o teísmo de Leonardo Coimbra permite conceber a realidade como uma sociedade fraternal e livre de consciências, existindo no Amor infinito de Deus, Consciência suprema. A sua metafísica ideo-realista inclui os dados fornecidos pela experiência espiritual intuitiva que revela o mistério excedente e interpelante da realidade e inclui a fé na revelação cristã, o que não acontece com António Sérgio para quem Jesus Cristo é uma personagem apenas humana¹⁴. Também Mário Sottomayor Cardia reconhece a preocupação de António Sérgio pelo rigor intelectual, considerando que segue o neokantismo ou neocriticismo francês no combate ao intuicionismo de Bergson, ao empirismo¹⁵ e à noção de Deus criador da religião cristã, reduzindo-o a uma ideia na consciência do homem (imanência mental e não cósmica), recusando qualquer forma de sobrenatureza (cf. *ibidem*, pp. 279-280).

Apesar de ideários distintos, Leonardo Coimbra é reconhecido e admirado pela capacidade de conciliar a razão e a emoção e pela sua ação cultural na educação da população e na reforma do ensino. Por exemplo, João de Barros elogia a eloquência da oratória de Leonardo Coimbra, numa harmoniosa relação entre a emoção e o pensamento, e destaca a genialidade da obra *A Alegria, a Dor e a Graça*, que define de poema lírico de extraordinária beleza e profundidade espiritual, colocando a amizade fraternal acima das

¹² Cf. António Sérgio, «Sobre uma opinião de Raúl Proença», in *O Diabo*, n.º 12 (agosto de 1936).

¹³ Cf. Sant'Anna Dionísio, *Objecções a António Sérgio sobre o valor da obra filosófica de Leonardo Coimbra*, Porto, 1938, pp. 18-19.

¹⁴ Cf. António Sérgio, *Ensaio*, VI, Lisboa, 1946, p. 243.

¹⁵ Cf. Mário Sottomayor Cardia, «António Sérgio ou o mentalismo relacional», in AA., *António Sérgio: Pensamento e Ação*, vol. I, Lisboa, INCM, 2004, pp. 263-264.

discordâncias de ideias¹⁶. O mesmo elogio é feito por Augusto Casimiro, que confessa uma amizade desassomburada e compreensiva que discorda sem deixar de amar. Ao descrever a inauguração em Coimbra, sob o patrocínio da Renascença Portuguesa, dos cursos de uma Universidade Livre, refere que Leonardo Coimbra tinha muitos amigos e admiradores naquela cidade. Acrescenta ainda que o Deus recusado por aquela gente de Coimbra era o Deus dos religiosos clericais e intolerantes, tantas vezes incompatível com o Amor à Justiça e à Pátria¹⁷. Na primeira metade do século XX em Portugal ainda não havia uma maturidade social e cultural para conciliar o desenvolvimento científico com a tradição religiosa, a razão com a fé, e essa polarização acaba por se manifestar nestes dois movimentos.

O movimento da *Seara Nova* de António Sérgio fundamenta-se num espírito europeísta que procura um renascimento da cultura portuguesa por via de uma ação educativa e política que se pretende ilustrada e moderna, sem valorização da dimensão religiosa que é associada à superstição e ao irracional. No mesmo sentido, e em consonância com a reivindicação coimbrã da *Geração de 70*, Raul Proença refere-se aos ventos d'além Pireneus que trazem os princípios do cientismo, positivismo, evolucionismo e determinismo¹⁸. Em termos metafísicos, a sua posição encerra um ateísmo mitigado tendente para o deísmo, a partir da sua incapacidade de acreditar na existência de Deus¹⁹ e a partir do pressuposto já enunciado por Amorim Viana da impossibilidade de demonstração da existência de Deus e da divindade de Cristo²⁰, mas sem que isso o deixe satisfeito.

Há uma notória divergência de princípios entre o espírito da *Seara Nova* do movimento da Biblioteca Nacional e o espírito d'*A Águia* do movimento da Renascença Portuguesa que levará Joel Serrão a distinguir na Filosofia Portuguesa as características do pensamento da escola de Lisboa, tendente para a lógica, psicologia empírica e gnosiologia, e as características do pensamento da escola do Porto «antipositivista, metafísico, teodiceico ou teúrgico»²¹. Ao pensamento positivo e rigoroso de Lisboa de autores como

¹⁶ Cf. João de Barros, «Leonardo Coimbra», in *Leonardo Coimbra, Testemunhos dos seus contemporâneos*, p. 90.

¹⁷ Cf. Augusto Casimiro, «Para o *In Memoriam* de Leonardo Coimbra», in *op. cit.*, p. 170-174.

¹⁸ Cf. Raul Proença, *Vida Portuguesa*, ano I, n.º 22 (10 de Fevereiro de 1914), p. 13.

¹⁹ Cf. Raul Proença, «Eterna divergência», in *O Herald*, n.º 1313 (22 de Setembro de 1907).

²⁰ Cf. António Braz Teixeira, *Ética, Filosofia e Religião*, Évora, Pendor, 1997, p. 32.

²¹ Joel Serrão, «Nota breve sobre o pensamento filosófico português actual», in *Temas de*

Silva Cordeiro, António Sérgio, Raul Proença e Vieira de Almeida, contrapunha-se o saber intuitivo, poético e religioso do Porto de autores como Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Teixeira Pascoaes, Leonardo Coimbra e Raul Brandão. No entanto, esta classificação omite a crítica dos autores portuenses à religiosidade dogmática ou à configuração mítica, e omite as suas reflexões sobre filosofia da ciência e o racionalismo kantiano, como aquelas que são desenvolvidas por Leonardo Coimbra ou por Newton de Macedo (1894-1944).

Para além do mais, não podemos esquecer que depois da dissolução da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, alguns dos seus ex-professores e alunos viriam a colaborar na *Seara Nova*, como Luís Cardim, Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro, Sant'Anna Dionísio e José Marinho, o que também denota a pluralidade destes movimentos culturais. O facto de Leonardo Coimbra ter entregue ao racionalista agnóstico Newton de Macedo os cargos de bibliotecário e de secretário do Conselho Escolar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, realizando a função de embaixador político e administrativo desta instituição na capital, também revela esta diversidade de linhagens espirituais no seio da Escola Portuense. Se em Leonardo, a finalidade da vida é a dimensão metafísico-religiosa da imortalidade, em Newton de Macedo é a realidade moral.